

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

KIEWE (Heinz Edgar), BIDDULPH (Michael) e WOODS (Victor). — *Civilisation on Loan*. A. N. I. Ltda., of 7 St Michael's Mansions, Ship Street, Oxford, England. 1973.

Civilização por empréstimo é um album para ser guardado. Uma peça de colecionador, contendo fatos frios e assertivas provocadoras e mais de 400 gravuras fascinantes para ajudar a testa-los. Mostra os elos que ligam o Oriente e o Ocidente atrás da *camouflage* nacionalista que perpetua a noção de que a separação total é possível.

O arrogante homem "civilizado" repetidamente emprestou — para dizer de modo polido — sem reconhecer o débito. Este é o tema do album, que tenta corrigir um pouco a História. As gravuras, escolhidas com cuidado e coragem, mostram como as idéias chinesas, japonesas e thai, difundiram-se espantosamente na arte, gosto e sofisticação européias por mais de três mil anos.

Neste desafio ao ponto de vista causado por imagens deformadas, *Civilização por Empréstimo*, sem dúvida provocará xenofobias suburbanas. Mas, muito mais importante, estimulará a outros. Entre eles a nova geração, que, instintivamente procura um século XXI melhor, onde as idéias serão permutadas sem embaraço ou suspeitas, aumentando o entendimento entre os povos de todo o mundo — do Oriente ao Ocidente e do Ocidente ao Oriente.

O album segue as pégadas dos intermediários que enriqueceram o mundo com as idéias e os produtos dos povos de civilizações contrastantes.

O *Empréstimo* examina a bagagem desses intermediários, mostrando como o senso comum desse tráfico torna as idéias nacionalistas de superioridade, baseadas na desconfiança do diferente, uma tolice. Sir Walter Raleigh, ele mesmo um aventureiro, não foi o único a acreditar que cada nação era miraculosamente auto-suficiente. No entanto, o fato incomfortável é que muitas coisas que consideramos básicas originaram-se no outro lado do mundo. Da China veio o carrinho de mão, o arco, a pólvora, o compasso magnético, o chá, o papel, a seda pura e pintada. A lista vai longe, sem entrar no reino da inspiração, no pensamento, na arte, no desenho e nas maneiras.

Os *Emprestadores* examinam de perto os intermediários através da História. Quem eram eles? De onde vieram? Que dificuldades tiveram de enfrentar, da Natureza às Autoridades? Como esses homens empreendedores conseguiram subsistir a despeito de cada perigo? Os prudentes árabes traficando no Mar

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica. (*Nota da Redação*).

Vermelho guardaram tão zelosamente o segredo da canela que os gregos acreditavam que ela crescia na Arábia. Os longínquos chineses defendiam do mesmo modo ciumento o segredo da seda.

Os Caminhos seguem seus rastros. A Rota da Seda que serpenteava da China em direção ao Ocidente era cheia de perigos para os que a usavam, mas permaneceu ocupada e fervilhante em muitos pontos. Os esforços para encontrar rotas marítimas mais estáveis e viáveis continuaram até alcançar eventual sucesso e ajudar a estabelecer um fluxo irreversível de comércio de tal forma que mesmo eventos políticos graves não mais puderam estanca-lo. Tinham sido abertos largos e potentes canais de comunicação. O aumento do comércio levou à procura de um modo de comércio lucrativo em cada país.

O Meio pelo qual isto foi conseguido era a imitação. Era feita frequentemente e sem escrúpulos. Na Europa, a cerâmica era falsificada para parecer verdadeira: a finíssima porcelana. Na Inglaterra eram compostos especialmente modelos de chitão com padrão oriental, mandados à Índia para a manufatura e embarcados novamente para a Europa como tecidos indianos autênticos. A realidade tornou-se enganosa, as origens convenientemente disfarçadas.

O Mito era o resultado. Comumente havia confusão sobre artigos antes familiares. E esta ignorância era fortalecida pela convicção européia da inferioridade dos estrangeiros. A ficção não se atinha apenas aos objetos: nos jardins, nas salas de estar, no vestuário e nas ruas. Fixava-se também nas noções da arte e desenhos não convencionais. O album estuda a hostilidade a artistas, de Renoir e Dürer a Beardsley e Watteau, visita as eminentemente sensíveis “tribos ignorantes” da Mongólia e os “copistas iletrados” da Índia.

Os à Margem sempre pisaram a fimbria das civilizações centralizadas, meio admirados e inteiramente temidos. O album encontra palavras em prol do papel dos curandeiros asiáticos, mágicos ou médicos, cujas técnicas estáticas foram vantajosamente adotadas por São Paulo.

A Civilização assim legada ao século XX tem uma longa folha de “coincidências”. O que o mundo aprendeu foi — consagrado pelo tempo e de modo natural — pela imitação. Ainda assim este processo humano básico tem sido refutado. Walter White, marinheiro do século XIX, mostra o poder deste legado de atitudes nas suas reminiscências de encontros com os naturais dos países nas praias européias.

A Terra Deserta: foi como William Morris a viu. O album examina sua contribuição à arte e à manufatura, e sua condenação à fenda fatal da sociedade que a fez esteril.

O Olho Ampliado conduz a um diálogo elucidativo com um perpicaz estadista, poeta e pintor que preferiu assinar-se simplesmente “o sacerdote silencioso”. Isto leva a um exame novo da larga abertura que, contra o senso e a história, separa o Oriente e o Ocidente, nação a nação.

Por toda parte, como flores silvestres, há gravuras. Em profusão, mudamente salientam a mensagem escrita, mostrando similaridades nos costumes, enfeites, arte, mobílias, porcelana, tecnologia e brinquedos.

E. S. P.

* *

*